

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 22 | N. 37 | 2017 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2017.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Shutterstock

A Comunicação Móvel e Ubíqua do Instagram

Eduardo Campos Pellanda e Melissa Streck

P. 10

O choque do real em *Azul é a cor mais quente*

Otacílio Amaral Filho, Sérgio do Espírito Santo Ferreira Júnior e Tarcízio Macedo

P. 20

A luta de classes em *Que Horas ela Volta?*

Mayara Luma Assmar Correia Maia Lobato

P. 48

Hunter S. Thompson: a personificação caricatural do jornalista

*Hunter S. Thompson:
the caricatural embodiment of
the gonzo journalist in movies*

Eduardo Ritter¹ 

Resumo

O jornalista norte-americano Hunter S. Thompson ficou conhecido no mundo ocidental pela criação do jornalismo gonzo nos anos 1970. Entretanto, na biografia de Thompson é possível perceber o estudo do autor sobre métodos e técnicas narrativas que foram utilizados nas coberturas jornalísticas que ele fez para revistas como *Rolling Stone* e *Playboy*. Devido ao seu estilo irreverente, por vezes cínico, o personagem-pseudônimo de Thompson, Raoul Duke, acabou ganhando vida própria, tornando-se caricatura de tirinhas do *Washington Post* e protagonista de três produções hollywoodianas. Destarte, o artigo analisa como esses produtos auxiliaram na construção do imaginário que até hoje circunda a figura de Hunter S Thompson.

Palavras-chave

Jornalismo gonzo; imaginário; caricatura; cinema; narrativa.

Abstract

The US journalist Hunter S. Thompson became known in the Western world as the creator of the Gonzo Journalism in the 1970s. However, in Thompson's biography is possible to see the author studying methods and narrative techniques that were used in news coverage he did for magazines such as *Rolling Stone* and *Playboy*. Due to its irreverent style, sometimes cynic, the Thompson's character- pseudonym, Raoul Duke, came to life, becoming strips caricature of the *Washington Post* and starring three Hollywood productions. Thus, the paper analyzes how these products contributed the imaginary construction that today surrounds the figure of Hunter S. Thompson.

Keywords

Gonzo journalism; imaginary; caricature; cinema; narrative.

Apresentação

O criador do jornalismo gonzo norte-americano, Hunter S. Thompson, foi um jornalista de duas faces. Por um lado, na juventude, ele foi um aprendiz de escritor muito dedicado e disciplinado, chegando a redatilografar grandes romances, como *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, com o único objetivo de aprender técnicas narrativas e estilo literário. Também atuou de maneira engajada no jornalismo político norte-americano, posicionando-se marcadamente em discordância ao ex-presidente Richard Nixon (1913-1994), que governou o país entre de 1969 até 1974. Por outro lado, ao longo de sua carreira, Thompson foi perdendo a condição de anônimo para se tornar protagonista, devido às suas coberturas atípicas, regadas ao consumo de drogas, com textos sempre escritos em ritmo acelerado. Bem como fizeram os cínicos da Grécia Antiga, Thompson também buscava “exercer em e por sua vida o escândalo da verdade” (Foucault, 2011, p. 152). Ou seja, o jornalista não escondia as suas técnicas nem a sua personalidade nas reportagens que chegavam aos leitores de revistas como *Rolling Stone* e *Playboy*. Ele era o personagem principal da história.

Diante de tal protagonismo, Thompson foi transformado em caricatura de histórias em quadrinhos do jornal norte-americano *Washington Post* e, depois, em personagem hollywoodiano, fazendo com que surgisse uma legião de fãs do personagem que nunca leram uma linha escrita pelo jornalista gonzo. Logo, o artigo tem como objetivo analisar como se formou essa figura imagética que oscila entre o jornalista Thompson e Duke, o pseudônimo do autor.

Para chegar a tal objetivo, inicialmente é feita uma breve contextualização histórica, apresentando a biografia de Thompson até o surgimento do jornalismo gonzo, em 1970. Após, são apresentados analiticamente os filmes produzidos a partir das obras de Thompson que ajudaram a formar o imaginário existente sobre o jornalista gonzo: ou seja, a figura caricatural do jornalista bêbado, maluco e drogado. Para isso, são levadas em consideração a biografia do jornalista e a comparação com as características dos personagens cinematográficos. Ao total, são três as adaptações feitas em Hollywood: *Uma Espécie em Extinção* (*Where the Buffalo Roam*, Art Linson, 1980), *Medo e Delírio em Las Vegas* (*Fear and Loathing in Las Vegas*, Terry Gilliam, 1998) e *Diário de um jornalista bêbado* (*The Rum Diary*, Bruce Robinson, 2011). Além disso, foram mapeados por esse pesquisador mais seis documentários que tem como figura central Hunter S. Thompson. No entanto, no presente artigo essas produções são citadas apenas em termos de contextualização, já que a análise é voltada às adaptações.

Para a realização desse artigo, foram agregadas perspectivas de pesquisa aberta, destacadas por autores como Silva (2011) e Feyerabend (2003). Ou seja, para se chegar aos resultados almejados foi feita uma operação de edição, seleção e estratégia. A partir da noção de entendimento proposta por Heidegger, Silva (2011, p.19-20) diz que “a técnica (a metodologia) é uma forma de desencobrimento. Faz o encoberto vir à tona. Mas o faz conforme o seu padrão” (Silva, 2011, p. 19-20, grifo do original). Assim, o artigo foi escrito a partir de perspectivas de pesquisa abertas, afinal: “quando o pesquisador se submete à metodologia, perde o caminho do descobrimento” (Silva, 2011, p. 20). A análise também segue a premissa de Feyerabend (2003)

de que nenhum processo metodológico deva ser ignorado durante a realização da pesquisa, afinal, “nem toda a descoberta pode ser explicada da mesma maneira, e procedimentos que deram resultado no passado podem causar danos quando impostos no futuro” (Feyerabend, 2003, p. 19). Vale ressaltar ainda que essa é uma pesquisa exploratória, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, ou seja, que trabalha com um universo de aspirações, valores e significados que não podem ser quantificados (Minayo, 1994). Também é utilizada pesquisa bibliográfica como técnica em todas as etapas da pesquisa, que acontece se “o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (Teixeira, 2005, p. 118). Entrementes, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 1995, p. 71). Acrescenta-se a isso a utilização de pesquisa documental. Enfatiza-se novamente, portanto, que esses foram os procedimentos metodológicos adotados, valendo-se principalmente das já referidas de *Contra o Método*, de Feyerabend (2003).

Medo e delírio no jornalismo

Durante as cinco décadas dedicadas ao jornalismo e à literatura, Hunter Thompson passou de coadjuvante a protagonista. Devido ao estilo que oscila entre o cinismo e a descontração, criou-se uma imagem que faz com que muitas pessoas, não o levem a sério. “Primeiro, eu não vivo de orgia em orgia, como às vezes eu faço você acreditar. Eu bebo muito menos do que muita gente pensa, e penso muito mais do que a maioria das pessoas acreditaria” (Thompson, 1998, p. 68). O trecho da carta escrita pelo jornalista para a colega Kraig Jenger, datada de 17 de ou-

tubro de 1957, demonstra bem o conflito que Thompson viveu a partir do surgimento e da popularização da prática gonzo: a dicotomia entre quem ele era e aquilo que as pessoas imaginavam ou gostariam que ele fosse. Mas como Thompson chegou a esse ponto?

Para responder a essa pergunta, é preciso voltar para Louisville, cidade natal de Thompson, localizada no estado de Kentucky, nos Estados Unidos. Foi lá que o futuro jornalista construiu uma pequena trajetória de delinquente juvenil, cometendo pequenos crimes, como furto de cigarros e compra de bebida alcoólica para ele e os amigos menores de idade. Por outro lado, também foi nesse período que Thompson começou a estreitar a sua relação com a literatura, pegando livros na Biblioteca de Louisville, onde Virgínia Thompson, sua mãe, trabalhava. Além disso, Thompson almejava ingressar nos clubes sociais literários da cidade, *Castlewood Athletic Club* e *Athenaeum Literary Association*. Porém, como não foi aceito em nenhum, ele fundou um clube alternativo que se chamava *Hawks Athletic Club* (McKeen, 2008).

Porter Bibb, amigo de Thompson, conta a Wenner e Seymour (2007) que havia uma preocupação do futuro escritor relacionada à literatura, sendo que, ele dedicava um bom tempo a observar técnicas e métodos de escrita. Bibb recorda ainda que havia discussões sobre literatura no clube, formado por adolescentes que sonhavam em se tornar grandes escritores. “Delinquente, sim. Bebedor, sim, mas também um leitor compulsivo [...] Seu quarto era cheio de livros” (McKeen, 2008, p. 18).

Na adolescência, após cometer um delito pouco antes de completar 18 anos, Thompson foi condenado a 60 dias de prisão. Tal sentença fez com que ele não pudesse participar da própria formatura de Ensino Médio, fato esse que o deixou revoltado, pois alguns ami-

gos acabaram sendo libertados devido à influência dos pais e familiares. Pouco depois de completar 18 anos, o magistrado que julgava o caso deu a Thompson duas opções: ou ele seguiria na prisão ou iria para as Forças Armadas. E assim ele partiu para a Flórida, onde passou a integrar a redação do jornal interno do exército, ao mesmo tempo em que atuava de forma clandestina para jornais comerciais.

Esses elementos da biografia de Thompson são fundamentais para que se entenda a formação da personalidade do jornalista, que iria aparecer em seus textos, que seriam chamados de gonzo. Depois de ter passado por outros empregos, Thompson teve duas experiências internacionais: primeiro, trabalhou em um jornal de língua inglesa em Porto Rico – experiência que inspiraria a produção de *Diário de um jornalista bêbado* – e, segundo, foi correspondente na América do Sul do jornal *National Observer*, passando, inclusive, pelo Brasil, sobre o qual escreveu, em 1963: “onde autoridade civil é fraca e corrupta, o Exército acaba se tornando rei” (Thompson, 2004, p. 140).

Ainda antes da impressão de sua obra gonzo, Thompson publicou o seu primeiro livro: *Hell's Angels* (1966). O texto nasceu a partir da solicitação da revista *The Nation*. No entanto, o que era para ser uma reportagem de revista acabou se tornando livro, após o jornalista ficar um ano andando com a gangue de motociclistas, entre 1965 e 1966, ano em que o livro foi publicado. Nessa época, Thompson teve uma aproximação com alguns dos jornalistas que ficariam famosos pelo estilo do *New Journalism*. Em junho de 1965, ele escreveu a sua primeira carta para Tom Wolfe, compartilhando a sua frustração pela rejeição que teve de um texto enviado para o *National Observer*. Wolfe respondeu, pedindo

uma cópia da primeira matéria escrita sobre os *Hell's Angels*. Ao enviar tal texto, Thompson comentou que estava escrevendo um livro sobre a gangue. A narrativa segue a linha que vinha sendo produzida por Wolfe e os demais jornalistas da época. Isso é perceptível desde a abertura da narrativa:

A ameaça está solta novamente, os Hell's Angels, a preciosa manchete de jornal, correm e fazem barulho na estrada de manhã cedo, sentados nos bancos baixos, ninguém sorri, amontoando-se como loucos no meio do trânsito e passando pela pista do meio a 140 Km/h, tirando vários finos... (Thompson, 2010, p. 13).

Em seguida, ele apresenta uma citação de uma revista americana: “Andam de moto pela cidade, estupram e atacam como saqueadores a cavalo – e se vangloriam de que nenhuma polícia é capaz de pôr fim à sua sociedade criminosa de motoqueiros” (Thompson, 2010, p. 13). Essa abertura exemplifica o tom da abordagem que a imprensa dava ao grupo. Imagem, essa, que o jornalista tenta desmistificar em seu texto.

A publicação de *Hell's Angels* colocou Thompson na lista de jornalistas que estavam publicando livros e, imediatamente, ele obteve certa fama, passando a conceder entrevistas para revistas, emissoras de rádio e de televisão. No entanto, a reportagem que resultaria no nascimento do jornalismo gonzo ficaria exatamente no meio das duas obras mais famosas de Thompson: depois de *Hell's Angels* (2010) e antes de *Medo e Delírio em Las Vegas* (2011).

A publicação que surpreendeu aos leitores apareceu na edição nº4 da *Scanlan's Monthly*, de junho de 1970. Es-

calado para cobrir o maior evento de turfe dos Estados Unidos, o Kentucky Derby, Thompson e o ilustrador britânico Ralph Steadman produziram um material totalmente atípico e não convencional. Enquanto o ilustrador apresenta uma caricatura do evento em imagens, Thompson expõe um texto ao mesmo tempo crítico e cômico. A corrida, em si, não é mencionada na narrativa. O principal foco é o jornalista contando como estava produzindo a reportagem. O pânico por achar que não iria conseguir cumprir o prazo também é exposto no texto:

Faltando apenas trinta horas para o envio da matéria, eu ainda não tinha credencial de imprensa, nem – de acordo com o editor de esportes do *Courier-Journal* de Louisville – chance alguma de conseguir uma delas. Para piorar, eu precisava de duas: uma para mim e outra para Ralph Steadman, o ilustrador inglês que estava vindo de Londres para fazer uns desenhos do Derby. Tudo que eu sabia sobre ele era que esta era sua primeira visita aos Estados Unidos. Quanto mais eu ponderava sobre o fato, mais eu ficava com medo (Thompson, 2004, p. 21).

Após encontrar o ilustrador, a narrativa passa a ser sobre as observações e impressões que o jornalista teve em relação ao público e ao que acontecia com a dupla. O autor, inclusive, comenta que: “Ao contrário da maioria dos outros no camarote de imprensa, estávamos pouco nos lixando para o que acontecia na pista. Tínhamos vindo aqui para ver os verdadeiros animais se apresentarem” (Thompson, 2004, p. 25). Após enviar o material para a revista, Thompson achou que tinha fracassado totalmente. No entanto, o texto foi um sucesso e, conforme explica o

jornalista e amigo Brinkely, em depoimento, o nome gonzo surgiu a partir da seguinte situação:

A internet está cheia de mentiras falsas propagadas por professores desinformados de inglês e fãs fumando maconha sobre as origens etimológicas do “gonzo”. Aqui está como isso aconteceu: o pianista James Booker gravou uma música instrumental chamada Gonzo no legendário New Orleans R&B em 1960. O termo “gonzo”, em Cajun, era uma gíria que tinha circulado no French Quarter (bairro francês) em torno da cena do jazz por décadas e significa, aproximadamente, “jogar desequilibrado”. O estúdio de gravação real de “Gonzo” ficava em Houston, e quando Hunter ouviu pela primeira vez ele ficou louco – especialmente na parte com a flauta selvagem. De 1960 até 1969 – até Herbie Mann gravar outra flauta triunfante, “Battle Hymn da República” – Booker’s “Gonzo” era a música favorita de Hunter (Wenner; Seymour, 2007, p. 125-126, tradução nossa)².

No mesmo relato concedido a Wenner e Seymour (2007), Brinkley revela que, sabendo do gosto de Hunter pela música chamada *Gonzo*, Bill Cardoso, jornalista da *Boston Globe Magazine*, utilizou o termo para descrever o novo estilo jornalístico que Thompson havia desenvolvido na cobertura do Derby. Mas o que diferencia o jornalismo gonzo dos autores do *New Journalism*? O biógrafo McKeen (2008) explica que, ao contrário de jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, que tentavam reconstruir a história, Thompson é o personagem principal da narrativa. Em depoimento recuperado pelo biógrafo, o próprio jornalista comenta que Wolfe e Tale-

se tendem a voltar atrás e recriar histórias que tenham acontecido, enquanto Thompson gosta de ficar bem no meio de tudo aquilo que está abordando – tão pessoalmente envolvido quanto possível (McKeen, 2008).

A partir de então, tendo um livro publicado e com a palavra “gonzo” relacionada a sua personalidade e ao seu texto, Thompson assumiu dois novos desafios. Primeiro, concorreu ao cargo de xerife em Aspen, no Colorado. O objetivo de tal ação era, a partir da campanha, escrever reportagens para a *Rolling Stone*. No entanto, quando o jornalista e a sua equipe perceberam que estavam próximos de ganhar, eles passaram a levar o processo eleitoral mais a sério, mas sem mudar o discurso, mantendo propostas como a legalização das drogas (vale lembrar que a maconha foi legalizada no Colorado em 2013) e mudar o nome de Aspen para *Fat City* (Cidade dos Gordos). Apesar dos esforços, Thompson acabou derrotado pelo seu oponente (Wenner; Seymour, 2007).

Ainda em meio à campanha, Thompson fez a cobertura que resultaria na publicação de *Medo e Delírio em Las Vegas* (2011a), seu livro mais famoso. Com a fama dessa publicação, ele foi cobrir as eleições presidenciais de 1972 e, dessa experiência, foi publicado *Fear and loathing on the campaign trail 72* (não traduzido para o português). Conforme retomado adiante, foi em meio a essa cobertura que Thompson se transformou em uma caricatura de tirinhas de jornal, e essa mesma abordagem caricatural seria levada para as telas do cinema. Tal relação fez com que Thompson deixasse de ser um anônimo, o que dificultava a sua participação em coberturas como as realizadas até então. A partir daí, em uma segunda fase de sua carreira, ele passa a ser muito mais um colunista de opinião do que um repórter que faz a cobertura a partir do campo em que estão acontecendo as ações.

Para entender como se deu a construção caricatural da figura de Hunter Thompson, a seguir é feita uma breve contextualização dos textos que originaram os três filmes, observando como tais adaptações contribuíram para a formação da imagem do jornalista gonzo.

A transformação de Hunter Thompson em Raoul Duke

Na narrativa de *Medo e Delírio em Las Vegas* (2011a), Hunter Thompson usa o pseudônimo de Raoul Duke. Com a publicação da obra e o seu respectivo sucesso, o jornalista passou a ser uma figura conhecida no meio jornalístico e literário. No entanto, ainda não era uma personalidade famosa na comparação com as estrelas de cinema ou da televisão, por exemplo. Ainda gozando de relativo anonimato, Thompson solicitou à revista *Rolling Stone* para participar da cobertura das eleições presidenciais de 1972. Com o aval da empresa, o jornalista morou na capital norte-americana, Washington D.C., por um ano. Dessa experiência seria publicado o livro *Fear and loathing on the campaign trail 72* (2005). No entanto, com a apropriação da figura de Thompson e de seu pseudônimo Raoul Duke por outros meios de comunicação, o anonimato foi cada vez ficando mais longe da vida do jornalista gonzo. Em depoimento no documentário *Gonzo: The Life and Work of Dr3. Hunter S. Thompson* (Alex Gibney, 2008), o professor Douglas Brinkley, que também foi amigo do jornalista, avalia que a fama prejudicou o seu trabalho, pois o anonimato era o cerne da vitalidade de seus textos. Ele cita como exemplo, uma cobertura que Thompson foi fazer de um discurso do então senador Jimmy Carter (presidente dos Estados Unidos entre 1977 e 1981) na Universidade da Geórgia

em que o jornalista teve que dar mais autógrafos do que o futuro comandante do país.

No mesmo documentário, Wenner, que era sócio-fundador da *Rolling Stone*, revela que a fama de Thompson fez com que ficasse difícil encontrar pautas para que o jornalista gonzo pudesse cobrir. Uma alternativa era enviá-lo para o exterior. Assim, ele foi para o Zaire a fim de cobrir uma luta de Muhammad Ali. Tentando repetir o sucesso da cobertura sobre o Kentucky Derby, Ralph Steadman foi enviado com ele, porém, ao invés de assistir à luta, Thompson deu os ingressos para dois moradores de rua e foi para a piscina. “É isso, Ralph. Foda-se a luta. Se você pensa que eu viajei todo esse tempo para assistir a dois negros se baterem e a merda toda em um ringue, então você deve arranjar outra coisa para fazer” (McKeen, 2008, p. 229). No final, a luta acabou ficando conhecida como uma das melhores da história do boxe, inclusive se tornando o documentário *Quando éramos reis* (When We Were Kings, Leon Gast, 1996), e Thompson não assistiu nada. Wenner relata em depoimento ao documentário de Gibney (2008) que “essa foi a reportagem mais fodida da história do jornalismo: não conseguimos produzir sequer uma nota”. Assim, esse foi também o primeiro grande fracasso de Thompson, pois a revista teve que arcar com todas as despesas relacionadas à viagem.

Apesar do malogro, foi após esse episódio, quando estava em Washington D.C., que foi criada a caricatura chamada *Uncle Duke* (Tio Duke). De acordo com McKeen (2008), Thompson raramente olhava as tirinhas dos jornais. Assim, apenas soube da criação do personagem, que era um aviador careca que vestia uma camisa da *Rolling Stone* – e que frequentemente via morcegos em alucinações – por acaso, quando es-

tava na capital americana. O relato de Thompson foi recuperado pelo biógrafo:

Era um dia quente, escaldante em Washington, e eu estava descendo as escadas da Suprema Corte. Eu estava saindo da seção de imprensa e então de repente, eu vi um barulho de pessoas e então ouvi eles dizendo, ‘Tio Duke’. Eu ouvi a palavra Duke... Tio... Isso não parecia fazer sentido. Eu olhei ao redor e percebi que todos aqueles estranhos estavam apontando e rindo. Eu não tinha ideia de que porra eles estavam falando. Eu tinha perdido o hábito de ler humor quando eu comecei a ler o *Times*... Eu estava descendo as escadas e pensei “que porra louca está acontecendo? Por que estou sendo zoado por uma gang de estranhos e amigos nas escadarias da Suprema Corte?”. Eu tive que perguntar para algum deles e eles me disseram que Tio Duke tinha aparecido no *Post* aquela manhã (McKeen, 2008, p. 232)4.

Dessa maneira, a condição de celebridade havia lhe colocado nas tiras dos jornais. E, cada vez mais, pessoas que nunca tinham lido nenhuma linha escrita por Thompson passaram a conhecê-lo e a alimentar a imagem da caricatura, que levava o mesmo nome do personagem autobiográfico de *Medo e Delírio em Las Vegas*: Duke.

O personagem foi criado pela Doonesbury, de autoria do caricaturista Garry Trudeau, que publica as suas tiras em diversos jornais americanos. A criação do personagem, no entanto, foi um dos preços pagos por Thompson pelo seu estilo de vida pouco convencional, apesar de que, sob o ponto de vista da literatura e do jornalismo, ele sempre foi bastante disciplinado e sempre estudou



Figura 1: O personagem Uncle Duke publicado pelo Washington Post inspirado na imagem caricatural de Hunter. **Fonte:** Johnny Depp Zone.

muito as técnicas de reportagem e de narrativa. Aliás, foi justamente por se levar extremamente a sério que o jornalista ficou frustrado com a sua transformação em um personagem cômico: “Quando você é um famoso escritor americano, você não pensa em se tornar uma caricatura em tiras de humor. Virar cartum em nosso próprio tempo é como ter uma segunda cabeça” (McKeen, 2008, p. 232)⁵. Isso quer dizer que as pessoas se apropriaram da imagem dele, que fora criada por ele mesmo, exaltando ainda mais os exageros e transformando tudo isso em piada. Assim, Thompson tinha que lidar com o que era a sua vida e o seu trabalho literário/jornalístico e com a sua imagem caricatural pública. Para o ilustrador Ralph Steadman “Ele passou a ser prisioneiro da sua própria imagem” (McKeen, 2008, p. 232)⁶. Ou seja, Thompson havia criado uma imagem que foi apropriada não só pelo caricaturista, mas também por produtores de filmes adaptados a partir da sua obra e de documentários.

A migração da caricatura para as telas do cinema

Ao tornar-se uma estrela da literatura e uma caricatura de jornal, Thompson, em pouco tempo, chamou a atenção dos cineastas. Tal relação entre a imagem pública e o cinema seguiria após a sua morte, em 2005.

A primeira adaptação feita para o cinema a partir de um texto de Hunter Thompson foi *Where the Buffalo Roam*, dirigido por Art Linson (1980). A produção ocorreu justamente em um período turbulento na vida pessoal de Hunter, que havia passado por um processo de divórcio poucos anos antes. No texto original, o jornalista escreveu *The Banshee screams for buffalo meat* (Linson, 1980), que foi uma última tentativa de publicação de Thompson no intuito de encontrar o amigo mexicano Oscar Acosta, desaparecido em meados dos anos 1970 e que aparece como um

dos personagens principais de *Medo e Delírio em Las Vegas*, sendo o advogado samoano de Raoul Duke.

Interpretado pelo ator Bill Murray, o personagem-jornalista está muito mais próximo da caricatura dos jornais do que de jornalista gonzo. Como no texto escrito por Thompson, ele narra histórias vividas com o advogado; as características cômicas são ressaltadas com o uso de exageros, “figura de linguagem que os retóricos chamam de hipérbolos” (Lodge, 2011, p. 29), recurso bastante utilizado na ficção. No entanto, vale ressaltar que, mesmo quando a narrativa é ficcional, a imagem em movimento com as falas dos personagens busca transmitir a ilusão de que, o que o espectador está assistindo é verdade, ou seja, trabalha-se com a verossimilhança em que se apresenta aquilo que não aconteceu, mas que poderia acontecer. “A imagem fílmica suscita, portanto, no espectador, um sentimento de realidade bastante forte, em certos casos, para induzir à crença na existência objetiva do que aparece na tela” (Martin, 1990, p. 22). Outra característica da linguagem cinematográfica que está nos três filmes de ficção baseados na obra de Hunter Thompson é a utilização da linguagem sempre no presente. “Enquanto fragmento da realidade exterior, ela [a linguagem] se oferece ao presente de nossa percepção e se inscreve no presente de nossa consciência” (Martin, 1990, p. 23). Ou seja, o filme não retrata as memórias de um personagem, mas sim, desenvolve o enredo passando a impressão ao telespectador que a narrativa está acontecendo no mesmo momento em que o filme é assistido.

Como ressaltado, no entanto, no filme, Thompson aparece de maneira caricatural. Em determinada cena, por exemplo, ele dispara vários tiros, dentro de sua sala, na máquina de telégrafo que tranca quando o jornalista



Figura 2: Thompson jantando com Acosta. Ambos representados como caricatura em *Where the Buffalo Roam*. Fonte: Listal.com.

tenta enviar alguns textos (representando cenas reais, mas de maneira claramente humorística). Em determinada cena, ele fala para uma turma de estudantes universitários: “Eu não aconselho a ninguém usar drogas, literatura e violência... mas no meu caso isso funciona!” (*Where the Buffalo Roam*, Art Linson, 1980), arrancando gargalhadas da plateia. Tal cena está descrita no texto de Thompson, porém, as roupas, os óculos escuros e a fala com o cigarro no canto da boca representam a imagem caricatural, típica das tiras de jornais.

O lançamento desse primeiro filme tornou ainda mais difícil a recolocação de Thompson no campo jornalístico sem ser visto como uma caricatura. O biógrafo do jornalista recuperou a seguinte declaração comentando essa situação: “Eu preciso poder ficar atrás e observar as histórias e absorvê-las. Agora eu não posso mais fazer isso” (McKeen, 2008, p. 251)⁷. Aliás, para Thompson, que sempre levou o ofício de escrever tão a sério, isso era desagradável. “Pessoas que eu não conheço esperam que eu seja

Duke mais do que Thompson” (McKeen, 2008, p. 250)⁸. Além disso, o lançamento do primeiro longa, somado à tira de jornal, que seguia sendo publicada, acentuou ainda mais a imagem que as pessoas alimentavam de que Thompson ficasse bêbado e sob o efeito de entorpecentes 24 horas por dia, causando surpresa a muitas delas que tinham acesso ao cotidiano de Thompson, como é possível perceber no seguinte trecho do depoimento do jornalista: “Muitas pessoas ficam surpresas por eu caminhar em duas pernas, e a ideia que eu tenho uma esposa ou uma criança ou até mesmo uma mãe é uma surpresa. As pessoas acham que eu talvez seja uma versão violenta daquela tira de humor” (McKeen, 2008, p. 250)⁹.

Todavia, a maioria das pessoas alimentava esse imaginário em torno do jornalista gonzo baseada em fragmentos da realidade. Visão fragmentada que Lippmann (2008) vai chamar de estereótipo. “Das ocorrências públicas que têm largos efeitos vemos, na melhor das hipóteses, somente uma fase e um aspecto” (Lippmann, 2008, p. 83). Já as informações que vão fazer com que as pessoas formem uma figura imagética, no caso de Thompson, passam a ser formadas pelas representações fílmicas, e não mais pela sua biografia e obra.

A segunda produção hollywoodiana feita a partir de adaptação da obra de Thompson foi *Medo e Delírio em Las Vegas*, dirigido por Gilliam, em 1998. Na ocasião, o jornalista gonzo é interpretado pelo ator Johnny Depp, após os dois começarem uma amizade em 1995. É possível afirmar que, se por um lado o próprio livro *Medo e Delírio em Las Vegas* (2011a) é uma hipérbole da realidade, o filme passa a ser a hipérbole da hipérbole. Ao descrever o momento em que as drogas começam a fazer efeito no meio do deserto, Thompson descreve: “E de repente fomos cercados por um rugido terrível, e

o céu se encheu de algo que pareciam morcegos imensos, descendo, guinchando e mergulhando ao redor do carro, que avançava até Las Vegas a uns 160 por hora, com a capota abaixada” (Thompson, 2011a, p. 11). Já no filme, recursos gráficos permitem que, em outra cena, as pessoas se transformem em répteis gigantes, bem como descreve o jornalista na obra. Aliás, a narrativa do filme segue o estilo clássico hollywoodiano, como na sequência temporal da história. “A relação temporal de cada cena com a cena precedente será rápida e inequivocadamente sinalizada (por meio de intertítulos, indicações convencionais, uma linha de diálogo)” (Bordwell, 2005, p. 292). No caso dos filmes aqui mencionados, essa sequência temporal ocorre em ordem cronológica do tempo, sem *flashbacks*.

Em seu texto, Thompson narra como fez duas coberturas jornalísticas para revistas. A primeira era a cobertura de uma corrida de motocicletas no meio do deserto para a *Sports Illustrated*, revista de jornalismo es-



Figura 3: A interpretação cinematográfica dos atores Jonny Depp (Hunter S Thompson) e Benicio Del Toro (Acosta) viajando pelo deserto de Nevada em *Medo e Delírio em Las Vegas*.

Fonte: Johnny Deep Zone.

portivo. Já na segunda parte, Thompson segue no mesmo ritmo, descrevendo como ele e o seu advogado seguiam usando drogas e detalhando as alucinações. Contudo, dessa vez ele está cobrindo a Conferência dos Promotores Públicos, a pedido de outra revista.

Para caracterizar Thompson, a exemplo de *Where the Buffalo Roam*, o personagem sempre veste roupas chamativas, anda cambaleando e fala com o cigarro no canto da boca. Apesar dos exageros – e possivelmente porque Thompson, dessa vez, acompanhou a produção do filme – vários trechos do livro são colocados na íntegra nas falas dos personagens, como no momento em que o personagem reflete: “Aqui estava eu, sozinho em Las Vegas, completamente chapado, sem dinheiro, sem matéria para a revista, e ainda por cima com uma conta de hotel caríssima para pagar” (*Medo e Delírio em Las Vegas*, Terry Gilliam, 1998).

Por fim, mais contemporaneamente, em 2011, foi adaptado o livro *The Rum Diary*, que em português foi lançado como *Rum: diário de um jornalista bêbado* (2011b). O filme de Robinson (2011) foi adaptado após a morte de Thompson, que ocorreu em 2005, o que demonstra que a caricatura feita nos anos 1970 pelo *Washington Post* continua cercado o jornalista gonzo. Mais uma vez, Johnny Depp interpretou Thompson. No entanto, houve alterações em relação à narrativa, com o final sendo completamente alterado do livro original, que tem como enredo a passagem de Thompson por Porto Rico. Ao invés de os jornalistas se rebelarem e matarem o dono do jornal – como acontece no livro – na versão cinematográfica o personagem volta para os Estados Unidos para ficar com a namorada, revelando, mais uma vez, o estilo clássico hollywoodiano, afinal, “a narração clássica hollywoodiana constitui uma



Figura 4: Cartaz de Diário de um jornalista bêbado.
Fonte: Johnny Deep Zone.

configuração particular das opções normalizadas para representar a história e manipular a composição e o estilo” (Bordwell, 2005, p. 277).

Além da questão temporal e narrativa, as três adaptações exploram elementos como a simpatia, a paixão,

a raiva, a surpresa, dentre outros. “A identificação nos convida, como espectadores, a estar em dois lugares ao mesmo tempo: onde está a câmera e ‘com’ a pessoa sentada” (Browne, 2005, p. 240). A relação entre personagem e espectador, somada à figura do personagem central (Hunter Thompson), deram os créditos necessários para que Hollywood se interessasse pelos três textos de Hunter: “O filme hollywoodiano clássico apresenta indivíduos definidos, empenhados em resolver um problema evidente ou atingir objetivos específicos” (Bordwell, 2005, p. 278). Dessa maneira, o cinema se apropriou dos textos da figura do jornalista gonzo, potencializando ainda mais a sua imagem caricatural diante do público e de seus fãs – muitos dos quais jamais leram uma linha escrita por Hunter Thompson.

Considerações finais

Hunter Thompson foi um dos mais famosos jornalistas dos Estados Unidos e, mesmo após a sua morte, em 2005, cada vez mais jovens buscam as universidades na tentativa de se tornar o jornalista herói que ele – ou pelo menos a sua imagem – chegou a ser. A construção dessa imagem, como foi visto ao longo do artigo, passou inevitavelmente, primeiro, pela transformação de Hunter Thompson em caricatura de uma tira de jornal e, segundo, pela apropriação da figura caricatural pelo cinema. Foi graças a esses elementos que foi possível chegar à situação descrita pelo biógrafo do jornalista: “Hunter tinha uma legião de fãs que nunca tinham lido uma palavra escrita por ele. Era conhecido como aquele personagem. As histórias, mesmo contadas de segunda mão, tinham o poder de atrair uma multidão que queriam os contos fantásticos de drogas” (McKeen, 2008, p. 250)¹⁰. Vale ressaltar que, como histórias contadas de

segunda mão, estão as representações do jornalista nas tiras de jornal e, também, no cinema.

Assim, o imaginário criado em torno da figura de Hunter Thompson foi mais baseado nos elementos caricaturais retirados do tipo social que o jornalista representava, que ficava de acordo com as categorizações pré-conceituais feitas, não só pelo público, mas também por especialistas e acadêmicos. Dessa maneira, Thompson passou a ser “o maluco”, “o marginal”, “o drogado”, “o jornalista sem noção”, imagem essa explorada nas três adaptações realizadas a partir de seus textos.

No entanto, como bem mostrou Ritter (2015), analisando a biografia do jornalista gonzo, e também a viúva do escritor, Anita Thompson, em sua obra *The gonzo way*, é possível perceber que a produção literária e jornalística de Hunter Thompson contou com muitos outros elementos além dessas categorizações que apenas fornecem mais subsídios para fortalecer a caricatura. “Ele não tentou mudar a sua natureza, ele simplesmente decidiu trabalhá-las com as cartas que lhe haviam sido entregues” (Thompson, 2007, p. 93), comentou a viúva de Thompson sobre o ex-marido. Feitas essas considerações, vale a pena lembrar que o presente artigo buscou mostrar como a produção hollywoodiana atuou na construção da personificação caricatural de Hunter Thompson como jornalista, apresentando o contraponto aos pesquisadores e intelectuais que, sem mergulhar a fundo na obra e na biografia do jornalista gonzo, formam os seus conceitos e opiniões, tendo como referência as produções ficcionais. Dessa maneira, o presente artigo não faz uma crítica à apropriação que Hollywood fez da obra de Thompson – pois é notório que os grandes estúdios vivem disso – mas, sim, aos que se contentam em emitir sentenças baseadas em um *status quo* criticado por pensadores como Michel Maffesoli. Afinal, como destaca o francês: “o pensamento só é interes-

sante quando é perigoso” (Maffesoli, 2007, p. 13). E disso, Thompson sabia muito bem.

Referências

BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org). **Teoria contemporânea do cinema: documentário e narratividade ficcional**. São Paulo: Senac, 2005. v. II.

BROWNE, Nick. O espectador-no-texto: a retórica de *No Tempo das Diligências*. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org). **Teoria contemporânea do cinema: documentário e narratividade ficcional**. São Paulo: Senac, 2005. v. II.

JOHNNY DEEP ZONE. Disponível em: <<http://www.johnnydepp-zone.com/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Unesp, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LISTAL. Disponível em: <<http://www.listal.com/viewimage/6252917>>. Acesso em: 10 maio 2016.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o**

imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MCKEEN, William. **The outlaw journalist: the life and times of Hunter S. Thompson**. New York: W.W. Norton & Company, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo e parresia: mentiras sinceras e outras verdades**. 2015. 386 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**. Petrópolis: Vozes, 2005.

THOMPSON, Anita. **The gonzo way: A celebration of Dr. Hunter S. Thompson**. Golden, Colorado: Fulcrum Publishing, 2007.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e Delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano**. Porto Alegre: L&PM, 2011a.

_____. **Rum: diário de um jornalismo bêbado**. Porto Alegre: L&PM, 2011b.

_____. **Hell's Angels**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **Reino do medo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Fear and loathing on the campaign trail'72.** New York: Harper Perennial, 2005.

_____. **A grande caçada aos tubarões:** histórias estranhas de um tempo estranho. São Paulo: Conrad, 2004.

_____. **The proud highway:** Saga or a desperate Southern gentleman. New York: Ballantine Books, 1998.

WENNER, Jann; SEYMOUR, Corey. **Gonzo:** The life of Hunter S. Thompson. New York - Boston - London: Back Bay Books, 2007.

Referências audiovisuais

GIBNEY, Alex. **Gonzo: The life and work of Dr. Hunter S. Thompson.** [Filme-vídeo]. Produção de Alex Gibney, direção de Alex Gibney. Filadélfia, Diverse Productions, 2008. 120 min. color. son.

GILLIAM, Terry. **Fear and loathing in Las Vegas.** [Filme-vídeo]. Produção de Patrick Cassavetti, Laila Nabulsi, Stephen Nemeth, direção de Terry Gilliam. Los Angeles, Universal Pictures, 1998. 118 min. color. son.

LINSON, Art. **Where the Buffalo Roam.** [Filme-vídeo]. Produção de Art Linson, direção de Art Linson. Los Angeles, Universal Pictures, 1980. 96 min. color. son.

ROBINSON, Bruce. **The Rum Diary.** [Filme-vídeo]. Produção de Johnny Depp, Graham King, Christi Dembrowski, Anthony Rhulen, Robert Kravis, direção

de Bruce Robinson. New York, BMG, 2011. 120 min. color. son.

Notas

1 Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Professor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus Frederico Westphalen (Linha 7 de Setembro s/n. Linha 7 de Setembro. Cep: 98400000 – Frederico Westphalen, RS – Brasil). E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

2 Tradução livre e feita pelo autor de: The Internet is full of bogus falsehoods propagated by uniformed English professors and pot-smoking fans about the etymological origins of “gonzo”. Here’s how it happened: The legendar New Orleans R&B piano player James Booker recorded na instrumental song called “Gonzo” in 1960. The term “gonzo” was Cajun slang that had floated around the French Quarter jazz scene for decades and meant, roughly, “to play unhinged”. The actual studio recording of Gonzo” took place in Houston, and when Hunter first heard the song he went bonkers – especially for the wild flute part. From 1960 to 1969 – until Herbie Mann recorded another flute triumph, “Battle Hymn of the Republic” – Booker’s “Gonzo” was Hunters favorite song (Wenner; Seymour, 2007, p. 125-126).

3 Conforme depoimento a Wenner e Seymour (2007) de Tom Benton, um artista local de Louisville, Thompson e ele passaram a utilizar o título de Doutor antes do nome após atenderem a um anúncio do jornal *Los Angeles Free Press* que divulgava um curso bizarro de doutorado em divindade por uma tarde de curso e o pagamento de uma taxa de U\$10,00. No mesmo depoimento, Benton

revela que eles pagaram a taxa e fizeram o curso apenas para utilizar o título de Doutor em aeroportos e eventos e obter descontos em hotéis e outros estabelecimentos comerciais dos Estados Unidos.

4 Tradução livre e feita pelo autor de: “It was a hot, nearly blazing day in Washington, and I was coming down the steps of the Supreme Court”, Hunter recalled. “I’d been inside the press section and then all of a sudden, I saw a crowd of people and I heard them saying, ‘Uncle Duke’. I heard the words Duke... Uncle... It didn’t seem to make any sense. I looked around and I recognized people who were total strangers pointing at me and laughing. I had no idea what the fuck they were talking about. I had gotten out of the habit of Reading funnies when I started Reading the *Times*... I was sort of by myself up there on the stairs and I thought, ‘What the fuck madness is going on? Why am I being mocked by a gang of strangers and friends on the steps of the Supreme Court?’ Then I must have asked someone and they told me that Uncle Duke had appeared in the *Post* that morning” (McKeen, 2008, p. 232).

5 Tradução livre e feita pelo autor de: When you’re a famous American writer, you don’t think of things like being in the comic strips. Being a cartoon character in your own time is like having a second head (McKeen, 2008, p. 232).

6 Tradução livre e feita pelo autor de: He became a prisoner of his own image (McKeen, 2008, p. 232).

7 Tradução livre e feita pelo autor de: I used to be able to stand in the back and observe stories and absorb them. Now I can’t do that (McKeen, 2008, p. 251).

Hunter S. Thompson: a personificação caricatural do jornalista gonzo no cinema

- 8 Tradução livre e feita pelo autor de: People I don't know expect me to be Duke more than Thompson (McKeen, 2008, p. 250).
- 9 Tradução livre e feita pelo autor de: Most people are surprised that I walk on two legs, and the idea that I have a wife or a child or even a mother comes as a surprise. People think I'm maybe a violent version of that comic strip (McKeen, 2008, p. 250).
- 10 Tradução livre e feita pelo autor de: Hunter had a legion of fans who had never read a word he had written. He was known as *that character*. The stories, even told secondhand, had a power that attracted a crowd drawn to Amazing Drug Tales (McKeen, 2008, p. 250).